



## O DIÁRIO E SEUS DIÁRIOS: O PESQUISADOR E “LES DEMOISELLES”

Maria de Lourdes Patrini Charlon <sup>1</sup>

Resultados de pesquisas nos informam que um estudo sobre os diários não é muito simples, pois a diversidade qualitativa e quantitativa dos diários afastam, assim como as formas tão diferentes de abordagem, qualquer tentativa de uma análise generalizadora. Françoise Simonet-Tenant (2001) em seu livro *Le journal intime* aventa algumas questões interessantes: O diário é uma prática ordinária ou um gênero literário? Trata-se de uma escrita privada ou de uma atividade reconhecida? Como tratar com neutralidade o ilustre e o anônimo? De caráter equívoco e proteiforme, resistindo a toda definição e possuidor de fronteira inapreensível entre o literário e o infraliterário, estudar o diário é enfrentar um desafio paradoxal e desconcertante, conclui a autora<sup>2</sup>.

Philippe Lejeune (1989: 27) ressalta que não existe um diário sobre o qual poderíamos dizer coisas simples, mas diários que sugerem respostas complexas e às vezes contraditórias. Em seu artigo « Les usages du journal intime », publicado na revista *Sciences humaines* (fev/2000: p. 30), o citado pesquisador procura enumerar algumas das razões que fazem com que um indivíduo tenha o seu diário íntimo (...) C'est une habitude intime qu'on peut prendre à tout âge, à l'occasion d'une crise, d'un deuil, d'un voyage...C'est un geste professionnel qui peut accompagner les activités les plus diverses (y compris la recherche en sciences humaines)... »<sup>3</sup>. Entretanto, ele ressalta no citado artigo que, apesar de se tratar de uma prática banal, justamente por ser uma prática de massa, não há nada mais misterioso do que um diário pessoal. (p.30).

O conhecimento que temos sobre esta prática de escritura é normalmente livresca. Ainda hoje a prática da escritura íntima continua na obscuridade. São raros os pesquisadores que se interessam por esta prática e seus suportes. Em « Les usages du journal intime », Philippe Lejeune pergunta : « Ces cahiers, quels rapports peuvent-ils avoir avec... les sciences humaines ? » (p. 30)

*O diário íntimo: uma prática, um suporte*

<sup>1</sup>Maria de Lourdes Patrini-Charlon é professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: mariapatrini@hotmail.com

<sup>2</sup> SIMONET-TENANT, Françoise. *Le journal intime*. Paris: Nathan, col. 128, n°257. 2001 p.1-2.

<sup>3</sup> Esta parte inicial de minha comunicação foi apresentada e discutida no congresso sobre autobiografia, realizado na Universidade de São Paulo em setembro de 2005.(tradução nossa)



A prática do diário íntimo é característica da adolescência, e da feminilidade<sup>4</sup>. As estatísticas provam que isto é verdadeiro. Sem data precisa, esta prática de escritura vai se firmar no século XX, na França. No entanto, desde o início, fica evidente que o diário íntimo tem sido sobretudo uma prática dos homens e dos adultos: Sthendal pela idade é a única exceção, pesquisadores irão citar Marie Bashkirtseff e Eugène de Gérin mas não irão muito além.<sup>5</sup>

Em seu « journal d'enquête » - 27 juillet 1991, Philippe Lejeune relata um pouco da história dos diários íntimos da « jeunes filles ».

Antes da Revolução sabe-se da existência de dois diários: Lucili ( futura Desmoulins) et Germaine (futura Staël). Após 1789, nada foi produzido. Há uma hipótese geral: A Revolução transformou a sociedade. Na Alemanha e Inglaterra o movimento pré-romântico se desenvolveu. E, uma hipótese para se verificar: as jovens inglesas e alemãs tiveram seus diários? Elas exerciam esta prática antes das francesas?

Vamos dizer que a prática se estabeleceu no início dos anos 1850. As companheiras de convento de George Sand denominavam os suportes dos diários íntimos de “calepins”. Para Marie D'Agoult, esta prática vinha da tradição alemã. Se o *diário de Marguerite*, 1858, será uma influência determinante para a segunda metade do XIX, o *diário de Anne Frank* será para a segunda metade do século XX. O problema é estabelecer no período 1850-1914 uma periodização interna. É preciso fazer uma cartografia dos diferentes tipos de diários. Nos arquivos da Biblioteca Nacional da França há dois campos: diário espiritual e o diário leigo Não há um só modelo e há modelos opostos, esclarece ao leitor o autor de « Journal d'enquête ».

### *O diário do pesquisador...Os diários das adolescentes francesas do século XIX*

Philippe Lejeune professor de Literatura Francesa na Universidade Paris XIII, publicou entre outros livros: *L'autobiographie en France* (1975), *Le pacte autobiographique* (1975) , *Je est un autre* (1980), *Moi aussi* (1986), “*Cher cahier...*” (1989), *Le Journal de Lucile Desmoulins* (1995), *Pour L'autobiographie – Chroniques* (1998). Pesquisador e estudioso das autobiografias de autores tais como: Gide, Rousseau, Perec, Leiris, dedicou-se também ao estudo do diário de seu bisavô Xavier-Edouard Lejeune.

<sup>4</sup> Philippe Lejeune afirma : « (...) les femmes écrivent, les hommes publient ». In : *La Faute à Rousseau*, n°24, juin 2000, p.45. Citado por Françoise Simonet-Tenant. *Op.cit.* p.53.

<sup>5</sup> Informações obtidas em “Journal d'enquête 1” - 24 juillet 1991, p.15, de Philippe Lejeune .In : *Le Moi des Demoiselles*.(tradução nossa) .



Um projeto de pesquisa, antes intitulado *Psyché* recebera com a publicação o título de *Le Moi des Demoiselles*. O livro se beneficiou de uma composição muito original, do percurso universitário do autor aos percursos destinados às garotas do século XIX. O diário – «Journal d'enquête» - das buscas dos cadernos íntimos que se estenderam por toda a França e dos resultados da pesquisa ocupa 150 páginas aproximadamente. Priorizando, assim, a elaboração e publicação de seu «Journal d'enquête» e ao ser questionado se esta escolha foi decorrente de uma frustração da escritura autobiográfica, Philippe Lejeune respondeu: «Il y a plusieurs chose. (...) Je ne suis pas un historien. (...) Il y aurait un ouvrage, un discours savant et méthodique à tenir sur ce phénomène de l'écriture des jeunes filles au XIXe siècle. (...) Je suis un littéraire. (...) Mon journal m'a tiré d'embarras, il m'a permis de représenter mon travail en mouvement, d'y associer le lecteur. (...) cette fois le journal pourrait être publié et du coup j'ai fait un tri dans ce journal de recherche. Diferentemente do livro «*Cher Cahier...*», em *Le Moi des Demoiselle*, eu poderia «réconcilier journal et création»<sup>6</sup>, afirmou o pesquisador.

Justificando assim sua escolha, o pesquisador recomenda ao leitor que para conhecer traços das autoras e trechos ilustrativos da escritura das adolescentes do século XIX, ele deverá adotar a seguinte conduta : « On lira donc d'abord mon journal d'enquête de juillet 1991 à juillet 1992 (...) ces notes, datées, ont peu à peu fait place à un vrai journal, qui accompagne, tout au long de l'année, ma découverte de ceux des jeunes filles » (P.Lejeune : 1993, p.10), anuncia o estudioso ao leitor de *Le Moi des Demoiselles*. Ele construiu um diário durante um ano, conta passo a passo suas descobertas, fala de seus apêlos e buscas incessantes, apresenta questões, indaga, refuta conceitos e normas. E os diários íntimos das adolescentes? E a prática de escritura dessas jovens desconhecidas? O leitor conheceu certamente a busca empreendida pelo pesquisador para se chegar aos diários, mas faltou conhecê-los enquanto escritura. Há esboços e croquis para se desvendar. « (...) Mais Philippe Lejeune a voulu donner à lire, en prime, le cahier de bord de sa recherche, le journal de ses journaux »<sup>7</sup>.

“As vezes, o diário de pesquisa torna-se a pesquisa mesmo. E nos podemos publicar seu diário de pesquisa...no lugar dos resultados” (P.Lejeune: 2000, p.32)<sup>8</sup>. Esta foi a via escolhida por Philippe Lejeune em seu trabalho de pesquisa sobre os diários íntimos das adolescentes do século XIX, na França. Esta escolha lhe rendeu críticas, algumas bem severas: « Et c'est à ce tournant bien

<sup>6</sup> Florence Rochefort et **Gabrielle Houbre**, « Témoignage : Philippe LEJEUNE », *Clio*, numéro 4-1996, *Le temps des jeunes filles*, [En ligne], mis en ligne le 01 janvier 2005. URL : <http://clio.revues.org/index438.html>. Consulté le 25 juin 2010.

<sup>7</sup> OZOIF, Mona. « Les demoiselles et le chercheur ». In : *Le Nouvel Observateur*. Paris, n°1492, 10-16 juin/1993. p.106.

<sup>8</sup> Tradução nossa.



sûr, qu'on oublie le moi des demoiselles pour celui de leur collectionneur (...) Mais son extravagance fait comprendre comment l'impersonnel journal de bord conduit au bord du journal personnel<sup>9</sup>».

Em seguida, propõe ao leitor de seguir com ele o desenrolar de nove diários inéditos escolhidos entre aqueles que lhe foram entregues pelas famílias. Deste conjunto teremos 7 croquis e 2 estudos dos auto-retratos traçados nos diários de Claire Pic (1848-1931) e Catherine Pozzi (1882-1934)<sup>10</sup>. A terceira parte do livro apresenta de forma sistemática o corpus que o autor reuniu. O “Repertório” são notas que descrevem mais de uma centena de diários, constitui um tipo de afresco que poderemos ler em seguida.

Difícil não concordar com a autora do artigo « Les demoiselles et le chercheur » (1993) quando ela escreve que « (...) le livre en offre un répertoire «utile», comme dit aux soutenances de thèses, et de gracieux morceaux choisis. » (1993 : p.106).

Para finalizar o leitor devera retornar ao diário do pesquisador. Um ultimo mês: de outubro-novembro de 1992, que fecha provisoriamente a investigação. Trata-se de um livro aberto, o qual nós poderemos interpretar e prolongar como quisermos e, em seguida o autor complementa: « Je ne sais trop à quelle discipline il appartient. À L'histoire littéraire, certainement (...) P.Lejeune : 1993, p.11).

A interlocução propriamente dita entre a escritura do diário - Journal d'enquête 1 –juillet 1991 – juillet 1992, de Philippe Lejeune e a escritura dos diários das adolescentes que permeiam o discurso investigativo do pesquisador, enquanto suportes e práticas de escritura pouco foi realizado, menos ainda aprofundada. Se por um lado concordamos com Françoise Simonet-Tenant (p.52) (tradução nossa) que seu trabalho oferece uma reflexão profunda sobre o diarismo feminino, sustentado por um trabalho de textos muitas vezes inéditos, por outro lado, e se reconhecemos que esta prática de escritura tem o seu lugar, por que ela foi tão pouco estudada? Por que o pesquisador não tocou fundo no seu sujeito de pesquisa?

O registro de suas observações, de suas descobertas e buscas, de suas experiências, de seu percurso tantas vezes mediado por percalços, enganos e derrotas e a leitura quase obsessiva de quilos de cadernos e carnês que muitos julgariam ilegíveis se constituiu em dados coletados, em apenas um recorte do seu objeto de estudo: comentários e esboços que o pesquisador confirma com as próprias palavras: “C'est un portrait de groupe que je fais. “ (...) Ces cahiers sont des « ouvrages

<sup>9</sup> OZOIF, Mona. « Les demoiselles et le chercheur ». In : *Le Nouvel Observateur*. Paris, n°1492, 10-16 juin/1993. p.106.

<sup>10</sup> Poetisa e amante de Paul Valéry manteve seu diário por mais de 20 anos, de 1913 a 1934. Ver artigo de Achille Weinberg em: *Sciences Humaines*. Paris : février/2000., n°102, p.33. (tradução nossa).



de jeunes filles » comme leurs broderies, comme leurs cahiers d'études. Elles y composent leur image morale comme celle de leur silhouette dans la psyché (...) “Leur moi y est peint d'avance” (p.11). A partir das generalizações, dos perfis mal delineados fica a frustração do leitor: Como conhecer as protagonistas e as suas escrituras ordinárias?

O leitor foi alertado. No livro, *Le Moi des Demoiselles* (1993), em « avant-propos », Philippe Lejeune escreveu: « Ce livre est un récit de voyage. Il raconte, sous la forme de mon propre journal, un an d'exploration au pays des journaux de jeunes filles. <sup>11</sup>»

Assim começou a viagem...1º. de julho de 1991: uma chamada feita pela rádio France Culture e um pente fino no código Ln27 da Biblioteca Nacional da França. Em outubro de 1991, um colóquio sobre a dinâmica dos gêneros. Nesta ocasião, os diários das adolescentes somavam 30 exemplares.

A partir da leitura das mil folhas transcritas do diário de Claire Pic (1848-1931), o pesquisador entrou no mundo de uma jovem burguesa que entre 1863 e 1865 realizou mais de 16 auto-retratos. Ela se descreve com complacência ou ironia, mas principalmente com a preocupação de se conhecer: Quem sou eu? O que vou fazer de minha vida?<sup>12</sup>.

#### *Dos escritores às escrituras ordinárias femininas*

« De livre en livre, Philippe Lejeune explore l'univers de l'autobiographie et du journal intime. Son métier, c'est ego-histoire. Il vient de découvrir un nouveau trésor : les journaux secrets des jouvencelles du XIXe siècle », assim se manifestou a revista *Le Nouvel Observateur* por ocasião do lançamento do livro : *Les Moi des Demoiselles*, em junho de 1993<sup>13</sup>.

A publicação do livro provocou questões e debates entre os estudiosos. Qual teria sido a motivação do teórico da autobiografia para abandonar o estudo da escritura de renomados escritores pela escritura de jovens desconhecidas do século XIX? Como os leitores veriam a passagem do teórico da autobiografia « dans la peau d'un autobiographe »<sup>14</sup>? Por que esta passagem do masculino ao feminino? Em 1996, em entrevista, Philippe Lejeune responde esta questão:

(...) Tant que j'ai étudié des autobiographies littéraires valorisées, je ne me suis jamais intéressé à des autobiographies de femmes, j'ai travaillé sur Rousseau, Leiris, Sartre et Perec. (...) Donc c'est très difficile de

<sup>11</sup> LEUJEUNE, Philippe. *Le Moi des Demoiselles – enquête sur le journal de jeune fille*. Paris, Seuil, 1993. p.9.

<sup>12</sup> WEINBERG, Achille. Les Journaux intimes des jeunes filles. In : *Sciences Humaines*. Paris : février/2000., n°102, p.33. (tradução nossa)

<sup>13</sup> Este trecho é parte do artigo de Mona Ozief: “Le demoiselles et le chercheur” publicado na revista *Le Nouvel Observateur*, por ocasião do lançamento do livro: *Les Moi des Demoiselles*. Paris:Seuil, n°1492, 10-16 juin/1993. p.106.

<sup>14</sup> *Idem, Ibidem*. p.106.



trouver dans l'histoire du genre autobiographique contemporain une grande figure qui fasse le poids en face de Rousseau, de Chateaubriand ou de Stendhal. Par exemple, *Histoire de ma vie* de George Sand est un livre très intéressant mais on ne peut pas dire que ce soit une très grande œuvre littéraire, de même pour les *Mémoires* de Marie d'Agoult. Le principal passage pour moi a été du littéraire - je ne dirais pas au non littéraire - mais au général. C'est-à-dire prendre conscience que l'expression autobiographique, au moins à l'époque contemporaine, était une pratique accessible à tout le monde. J'ai découvert le domaine féminin, je m'y suis intéressé comme objet d'études à partir du moment où j'ai changé d'attitude par rapport à l'écriture autobiographique, où mon point de vue est devenu à moins élitiste<sup>15</sup>.

Este testemunho parece esclarecedor. Ele referencia os caminhos trilhados e abre perspectivas para novas escolhas. Há uma mudança de rota e um ponto de vista menos eletista. Isto sugere, sem dúvida, questões importantes.

Enfim, como um especialista em escritura autobiográfica chega às escrituras femininas pela via dos diários de adolescentes do século XIX? Ele aponta como uma das causas a descoberta de um diário de uma garota do século XIX e que o discurso deste diário era absolutamente análogo ao seu diário de adolescente, quando ele tinha 15 anos.

Em entrevista Philippe Lejeune fala sobre esta experiência : Le déclic, c'est ce sentiment de très grande proximité. Peut-être que je ne suis pas dans la moyenne en tant qu'homme, il y a finalement très peu de garçons ou d'hommes que tiennent un journal pendant leur première adolescence, ça arrive plus tard dans la vie. »<sup>16</sup> Em “Diários de garotas francesas no século XIX”, publicado em *Cadernos Pagu*<sup>17</sup>, Philippe Lejeune confirma o que foi dito anteriormente. Tudo começou, diz o pesquisador,

Após a leitura de alguns diários manuscritos de uma jovem garota, Clair Pic, que vivia próximo a Lyon por volta de 1860. Fiquei fascinado pelo texto: aqui estava uma menina inteligente e sensível, aprisionada à uma criação religiosa rígida, tentando se expressar, dizer “eu”, em quatro cadernos grossos que, juntos somam mais de mil páginas. (...) pus-me a imaginar se tal documento seria o único do tipo: centenas de outros como ele podiam estar esquecidos em sótão e armários pela França.

Um pouco mais adiante, ele justifica o seu novo campo de pesquisa esclarecendo que tal prática “é completamente ignorada pelos livros acadêmicos franceses (...) Decidi então preencher essa lacuna”<sup>18</sup>. Em seu livro “*Cher Cahier...*” (1990), um livro de testemunhos, o pesquisador já abordara o motivo que o impulsionou a enfrentar o novo desafio. Neste livro, ele declara ter recebido uma carta postada em Bourg-en-Bresse em 1860. « Une jeune fille m'écrivait pour me parler de ses cahiers. Elle s'appelait Claire Pic » (Philippe Lejeune: mai/1993, p.9). Nascida em

<sup>15</sup> Florence Rochefort et **Gabrielle HOUBRE.**, « Témoignage : Philippe LEJEUNE », *Clio*, numéro 4-1996, *Le temps des jeunes filles*, [En ligne], mis en ligne le 01 janvier 2005. URL : <http://clio.revues.org/index438.html>. Consulté le 25 juin 2010.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*

<sup>17</sup> LEJEUNE, Philippe. “Diários de Garotas Francesas no século XIX: constituição e Transformação de um gênero Literário”. In: *Cadernos Pagu.*, n° 8/9, 1997. pp.99-114.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 100.



1848, a autora dos cadernos havia autorizado sua bisneta, Chantal Chaveyriat-Dumoulin, a enviar a correspondência ao pesquisador: quatro páginas onde Claire comentava seu diário, como se ela respondesse ao questionário feito pelo pesquisador.

Quando perguntado se ele não se sentiu tentado a estudar os textos autobiográficos de mulheres célebres, Philippe Lejeune respondeu que, todo o interesse que vê entorno de George Sand, por exemplo, para ele pouco significa, embora admita que se trata de uma personagem gigantesca. Finalizou o pesquisador,

Ce qui m'a frappé c'est que la tendance des historiens et des historiennes féministes, en littérature plus qu'en histoire, a été, à partir du moment où il y a une revendication, de prendre en compte les écritures féminines et de présenter cette revendication sur un mode masculin. C'est-à-dire vous avez Rousseau, et il faut qu'il y ait un pendant de Rousseau à côté et du coup on ne va pas voir cet immense champ, ces pratiques d'écriture admirables...certains sont splendides<sup>19</sup>.

Entre as questões, respostas e comentários mais ou menos analíticos tudo parece indicar que estamos diante de um trabalho que desde a sua proposta vem incitando polêmicas.

« *Le journal et ses journaux* » : o diário de pesquisa: os diários das adolescentes

Quem são as autoras desta escritura diarista e íntima? Elas são jovens burguesas, todas destinadas ao casamento. « Certaines essaient de l'infléchir à leur profit, de se créer une identité...personnelle ». É o que parece surpreender o pesquisador ao ler o diário de Claire Pic. Nem todas se casam. Algumas escolhem a vida religiosa. Outras abraçarão uma vida de celibato. Entre quinze e vinte anos elas estão na encruzilhada da vida. Elas se interrogam qual será a via a seguir? Aceitar o casamento ou tentar uma outra rota em direção a uma escolha mais pessoal... As regras para elaboração do diário são dadas pela mãe ou pela professora – sobre uma relação interindividual forte (...) (1993: p. 19). Pede-se para que elas sigam um modelo – *Le Journal de Marguerite* (1858). Elas entram nesse jogo. Como fazer diferentemente? O modelo do diário muitas vezes foi proposto a elas por uma educadora. « On attend, on se prépare...Vient le grand jour (vers onze ans) ». « (...) Il est dramatiquement organisé autour de la première communion, qui est la grande épreuve d'initiation à la fois spirituelle et sociale pour les filles de cette classe » (P.H, 1993 : p.20). Elas terminam o diário entre quatorze ou quinze anos e entram no período pré-nupcial, elas o abandonam na véspera do casamento.

<sup>19</sup> Florence Rochefort et **Gabrielle HOUBRE**, « Témoignage : Philippe LEJEUNE », *Clio*, numéro 4-1996, *Le temps des jeunes filles*, [En ligne], mis en ligne le 01 janvier 2005. URL : <http://clio.revues.org/index438.html>. Consulté le 25 juin 2010.



Esta prática seguirá sua rota, obedecendo os preceitos estabelecidos até o início do século XX. Aqui temos a voz do diarista que se manifesta: «inconcebível pensar isto no século XX, na nossa adolescência: O diário é antiinstitucional. Através dele busca-se a identidade num movimento contra os pais e a escola» (p.19). Pouco se aprofunda sobre as questões abordadas. Mas o pesquisador se mantém fiel ao seu método de trabalho.

Em entrevista concedida a Florence Rochefort et Gabrielle Houbre, Philippe Lejeune dá o seu testemunho dizendo que

Contrairement à l'idée naïve que j'avais moi, qui avais pris la décision de tenir un journal intime spontanément contre mes parents, contre l'école, j'ai découvert que, en fait, le journal intime au XIXe siècle est d'abord commandé par l'institution, par l'école, par la mère, par les institutrices, etc. Il se tient sur le même type de matériel scolaire, et ce sont les mêmes gestes, les mêmes mécanismes d'apprentissage, la même régularité. Le journal intime, avant d'être une pratique d'autocontrôle, d'autoguidage, d'auto éducation, est en fait l'intériorisation d'une technique d'éducation<sup>20</sup>.

Em meio a sua escritura concebida no calor das observações, das leituras dos diários, Philippe Lejeune abre espaço para indagações, sem contudo, deixar escapar o fio condutor de sua escritura com o qual está sendo construída a escritura de seu “journal personnel”: o diário é uma prática educativa entre outras. De onde vem esta prática? Como este uso se estabeleceu? Quando elas foram democratizadas?

O pesquisador busca resultados, enquanto elabora seu diário. Para ele o diário/livro é uma capítulo da história das mulheres. Pode ser mesmo um livro feminista... Em todo caso um livro militante dedicado às escrituras ordinárias e a atenção que elas merecem. (1993: p.11) – (tradução nossa). Assim, o leitor é motivado e convidado a viver uma experiência de leitura: «Lisez mon journal, à défaut de pouvoir lire directement ceux de ces jeunes filles, presque inaccessibles. Mais lisez aussi, par dessus mon épaule, ces journaux eux-mêmes, grâce aux aperçus que j'en donnerai ensuite» (1993 : p.12). Desta forma o autor do «journal» garante ao leitor que : «En lisant ces journaux, nous accomplissons plusieurs de leurs fonctions : assurer la survie du passé, prolonger la mémoire de leurs auteurs, mais peut-être aussi leur offrir, à notre manière, l'écoute et la compréhension que leur manquaient» (1993 :p.12).

Philippe Lejeune inicia seu “journal d'enquête”- 24 juillet 1991 - revelando ao leitor que sua idéia inicial era a de apresentar um «estudo de caso» num congresso, em Poitiers, sobre a dinâmica dos gêneros, em 19 de outubro do mesmo ano. Em 28 juillet 1991, ele retoma a sua

---

<sup>20</sup> Florence Rochefort et **Gabrielle HOUBRE**. , « Témoignage : Philippe LEJEUNE », *Clio*, numéro 4-1996, *Le temps des jeunes filles*, [En ligne], mis en ligne le 01 janvier 2005. URL : <http://clio.revues.org/index438.html>. Consulté le 25 juin 2010.





conferência que deverá ser apresentada em Poitiers : “ Il faudra faire apparaître que la définition des “genres” est autant un fait de *lecture* que d’écriture. Le but de cette enquête, déclenchée par ma découverte de Claire Pic, serait de reconstituer une sorte de tableau des pratiques réelles des jeunes filles, indépendamment des publications. C’est donc une recherche archéologique. » (p.23)

*Le Moi des Demoiselles* pode ser interpretado como «un inventaire des textes autobiographiques du XIXe siècle» que segundo o pesquisador se faz passo a passo : «ça commence toujours par une séduction (...); ça se poursuit par une généralisation ; (...) vous picorez au hasard dans les archives (...); vous devez mendiant (...); vous construisez de nouvelles archives...Et parallèlement, vous menez une recherche historique classique sur le discours pédagogique qui encadrait cette pratique réservée aux filles... (p.95) E, assim, perguntado se seu método de trabalho pode ser generalizado, ele responde: “Non, j’imagine mal toute la production historique livrée ainsi en kit avec le journal de chercheur (...) *Le Moi des Demoiselles* est un ouvrage synthétique, j’essaie de dresser un tableau d’une pratique d’écriture tout au long d’un siècle. (p.97)<sup>21</sup>.

O campo de trabalho não cessa de nos apresentar sentidos escondidos e novas descobertas. As notas de campo são textos em ação, plenos de “non-dit”. « Depuis que j’ai publié le *Mois des Demoiselles* (1993), d’autres journaux de jeunes filles ont fait surface, qui répondent à des questions que je me posais, et pas toujours dans le sens où je attendais... Ma méthode fait que c’est moins grave : J’ai mis cartes sur table, il me suffira de tenir un nouveau journal... »<sup>22</sup>. E, o leitor vai continuar se indagando além dos esquemas e quadros sobre as escrituras ordinárias das jovens francesas do século XIX.

---

<sup>21</sup> Entretien avec Philippe Lejeune, S.&R., n°13, avril 2002, pp.95-96.

<sup>22</sup> *Op. cit.*, p.97.